

Dialogando sobre a aprendizagem do estudante adulto

Dialogue about adult student learning

Dialogando sobre el aprendizaje de estudiante adulto

Recebido: 27/08/2020 | Revisado: 06/09/2020 | Aceito: 09/09/2020 | Publicado: 11/09/2020

Celene Vieira Gomes Fortes Lustosa

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3328-8488>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: celenevieira@hotmail.com

Maria da Glória Carvalho Moura

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3686-9133>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: glorinha_m@yahoo.com.br

Resumo

O estudo sobre o processo de aprendizagem em contexto escolar é um tema pertinente na educação, visto que todo estudante tem direito a uma educação de qualidade. O estudo tem como objetivo buscar evidências, na literatura, sobre o processo de aprendizagem na perspectiva do estudante da educação de jovens e adultos – EJA. A motivação da pesquisa deu-se pela possibilidade de contribuir com os estudos que permeiam a área da educação, principalmente nessa modalidade de ensino. Evidenciaram-se alguns aspectos cruciais, como as teorias da aprendizagem, a prática pedagógica e a aprendizagem do estudante da EJA. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram a importância de o professor da EJA organizar sua ação didática revendo sua teoria de atuação e buscando suporte na andragogia, uma das alternativas indicadas para trabalhar com esses estudantes, uma vez que se baseia em situações de contexto que experienciam.

Palavras-chave: Aprendizagem; Prática pedagógica; Educação de jovens e adultos.

Abstract

The study of the learning process in the school context is a relevant topic in education since the student has the right to a quality education. The study aims to search for evidence, in the literature, about the learning process from the perspective of the student of youth and adult education – (Educação de Jovens e Adultos – EJA). The motivation of the research was given

by the possibility of contributing to the studies that permeate the area of education, mainly in this teaching modality. Some crucial aspects were highlighted, such as learning theories, pedagogical practice and EJA student learning. The methodology used was bibliographic research. The results show the importance of the EJA teacher organizing his didactic action by reviewing his theory of action and seeking support in andragogy, one of the alternatives indicated for working with these students, since it is based on contextual situations that they experience.

Keywords: Learning; Pedagogical practice; Youth and adult education.

Resumen

El estudio sobre el proceso de aprendizaje en el contexto escolar es un tema pendiente en la educación, teniendo en cuenta que el estudiante tiene derecho a una educación de calidad. El estudio tiene como objetivo buscar evidencias, en la literatura, sobre el proceso de aprendizaje en la perspectiva del estudiante de la educación de jóvenes y adultos – EJA. La motivación de la investigación se dio por la posibilidad de contribuir con los estudios que permean el área de la educación, principalmente en esta modalidad de enseñanza. Se evidenciaron algunos aspectos cruciales, como las teorías del aprendizaje, la práctica pedagógica y el aprendizaje del estudiante de EJA. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica. Los resultados muestran la importancia de que el profesor de EJA organice su acción didáctica revisando su teoría de actuación y buscando soporte en la andragogía, una de las alternativas indicadas para trabajar con esos estudiantes, considerando que está basada en situaciones experimentadas en su propio contexto.

Palabras clave: Aprendizaje; Práctica pedagógica; Educación de jóvenes y adultos.

1. Introdução

A qualidade da educação é uma das discussões que se tem intensificado cada vez mais, visto que as pessoas têm direito garantido e, nesse contexto, os debates surgem em torno do processo ensino-aprendizagem, pois as metodologias que permeiam a prática pedagógica se configuram como essenciais para uma aprendizagem significativa. Escolher uma estratégia de ensino requer planejamento, e este tem que estar coerente com as necessidades do público com o qual o professor vai atuar.

Para entender o processo de aprendizagem, é crucial conhecer as teorias voltadas para seu estudo, principalmente no que tange ao contexto escolar. É necessário salientar as

perspectivas e influências dessas teorias na prática docente, pois os professores devem basear suas formas de ação na teoria escolhida para adotar e verificar como a utiliza na sala de aula (Day, 2001). Nesse contexto, depreende-se o reconhecimento do aluno como ativo e colaborador no processo de aprendizagem, assumindo posturas de construtores de conhecimento e habilidades.

Em que concerne à Educação de Jovens e Adultos (EJA), a ação pedagógica busca compreender o aluno no seu contexto de atuação com o intuito de desenvolver estratégias que melhor se adequem a sua realidade. O professor precisa eleger a teoria que vai orientar sua prática, para dominar os conceitos que vão embasar a sua ação, uma vez que os alunos dessa modalidade têm seu estilo de aprendizagem e seu modo de aprender. Moura (2003) destaca, nos seus estudos, que as questões relacionadas à EJA envolvem contextos econômicos e sociais, relacionados a situações de desigualdade, o que repercute no setor educacional.

Na EJA, os professores, em seu feito pedagógico, devem considerar os conhecimentos, as experiências e a realidade do estudante. Daí a importância de saber qual teoria adotar e utilizar com esse público. Knowles (2009, 46) considera a “[...] realidade para o aprendiz, um processo no qual o aluno é um participante ativo ao invés de um recipiente passivo”.

A metodologia usada nesse ensaio procura rever a literatura, na busca de informações sobre a aprendizagem na perspectiva de diferentes teorias de aprendizagem, fundamentadas teoricamente a partir das contribuições de Piaget (2010), Knowles (2009), DeAquino (2007), Kolb (2014), Cozendey; Costa; Pessanha (2013), Moreira (2017), Vigotsky (1991).

Assim, de forma sucinta, retomam-se as teorias com foco nas condições de aprendizagem, bem como a prática pedagógica do professor da EJA, sobre a qual destaca a responsabilidade de professores e alunos com a aprendizagem, no sentido de compartilhamento de ideias no ato de aprender.

2. Metodologia

Para elaboração do estudo foi estruturado em seus caminhos metodológicos, uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, que “[...] fornece informações sobre atitudes, sentimentos e opiniões – busca motivações. Os resultados não são quantificáveis e, por isso, não podem ser generalizados para a população” (Richardson, 2011, p. 15), na qual permite a interpretação dos dados coletados. Dessarte, a pesquisa qualitativa extrapola o alcance daquilo que pode ser meramente quantificado, uma vez que busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais.

Nas ideias de Richardson (2008) é destacado que, várias definições podem confundir métodos com princípios metodológicos da pesquisa, entretanto nas ideias de Pereira (2007, p. 26), “as técnicas se referem aos elementos do método científico e não devem ser confundidas com o método em si”.

Quanto aos procedimentos, adotou-se uma leitura seletiva localizando as informações, a qual foi realizada de forma minuciosa em fontes consideradas fidedignas para a realização da pesquisa, sendo consultado artigos e livros referentes a área de estudo, no intuito de atender o objetivo em questão. A pesquisa foi desenvolvida entre junho a agosto de 2020 afim de discutir as práticas educativas na educação de jovens na formação integral do estudante adulto. O material foi selecionado por meio das palavras chave, aprendizagem, EJA e prática pedagógica utilizando diferentes combinações, direcionando a pesquisa para análise e discussão dos dados.

3. Resultados e Discussão

3.1 Reflexões sobre as condições de aprendizagem

A aprendizagem é um processo que acontece a todo momento e durante toda a vida. Aprende-se em casa, na rua, com amigos, na igreja, nos movimentos sociais, bem como em vários espaços da sociedade. Esta aprendizagem considera-se uma educação informal, e a educação formal é a que acontece nas instituições escolares, as quais apresentam objetivos claros e intencionais. Acontece de forma organizada e planejada, como aduz Libâneo (2010). O fato é que, cotidianamente, as pessoas aprendem.

Destaca-se, neste estudo, a aprendizagem escolar como algo inerente ao ser humano, e que aprender envolve vários fatores que Zanella (1999) classifica como *biológicos*, os que estão ligados ao organismo, em termos de nutrição e bem estar; *ambientais*, os que favorecem um ambiente agradável, arejado e em condições de estudo; *pedagógicos*, os relacionados aos métodos e técnicas que o professor utiliza em sala de aula e que, numa situação bem planejada, levam-no a atingir o real objetivo; e, por fim, os *psicológicos*, ligados à motivação. Por sua vez, a motivação se divide em *interna*, referente ao que vem de dentro da vontade de adquirir conhecimentos do aprendiz, e *externa*, que pode ser o professor, um texto, uma figura, etc. Assim, com o aluno motivado, o desenvolvimento escolar será bem mais eficaz.

Decerto, quando esses fatores acontecem em boas condições, a aprendizagem se manifesta de forma favorável. Caso contrário, fica comprometida e não se concretiza.

Considera-se de extrema importância a organização do espaço escolar, visto que tudo que envolve a escola repercute como guia motivador para a aprendizagem. Por essa razão, é crucial levar em consideração os fatores ora mencionados, os quais precisam ser enfatizados pela escola, uma vez que são interdependentes.

Nessa vertente, os fatores acima mencionados têm relação estreita com um conjunto de teorias, as quais explanam sobre a aprendizagem com diferentes abordagens. Mas o que é teoria? Para Knowles (2009, p. 27), “uma teoria é um sistema de ideias abrangente, coerente e internamente consistente sobre um conjunto de fenômenos”. Isto posto, ao considerar a aprendizagem como fator primordial da educação escolar, a prática pedagógica deve seguir um rumo que atenda aos objetivos propostos no planejamento, o qual deve ter coerência com o público para o qual vai ser direcionado.

Sabe-se que o processo de ensino, durante muito tempo, concentrou as práticas no professor, com uma metodologia transmissora, na qual o aluno exercia sua passividade sem interferências nas aulas. Esse cenário retrata o behaviorismo, que defende o comportamento como algo que pode ser observado, sendo passível de estudo. Mitjáns Martínez *et al* (2003) destacam que, na teoria de Skinner (citado por esses autores), o interesse se mantém no comportamento, o qual relaciona a aprendizagem ao ambiente, à medida que este fornece estímulos para o sujeito que aprende. Knowles (2009) salienta que Skinner chama a atenção para as contingências de reforço, isto é, à medida que uma ação é reforçada, aumenta a probabilidade de ocorrer novamente. Por exemplo, quando um aluno tira boas notas e o professor direciona elogios, esse comportamento é reforçado. Assim, a aprendizagem, para Skinner, acontece por estímulos do meio, que são visualizados pelo comportamento.

Nessa teoria, o professor é o centro do processo e o aluno se comporta de modo passivo, isto é, o professor controla o modo de aprender do aluno, o qual será direcionado para uma aprendizagem mecânica. Nessa abordagem, as experiências do aluno não são levadas em conta, pois ele é considerado um sujeito que nada sabe. Partindo dessa ideia, constrói-se uma figura do aluno, não como um sujeito do processo de ensino e aprendizagem, mas como um objeto que não contribui, tampouco se relaciona nesse percurso, sendo um simples receptor de todo o itinerário educativo. O ambiente é que fornece as informações necessárias para a aprendizagem.

Inserir o estudante nessa perspectiva, afasta-o da possibilidade de interpretar seu ambiente e, por conseguinte, de desenvolver sua capacidade criadora, reflexiva e consciente, além de incapacitá-lo a fazer suas próprias descobertas, características essenciais para a aprendizagem e desenvolvimento da autonomia. Ademais, o estudante não mobiliza sua

aprendizagem, ficando a mercê de uma metodologia transmissora de conteúdos e sem ligação com a realidade. Apesar de propostas inovadoras para o cenário educacional, essa tendência ainda marca fortemente as práticas pedagógicas. “Aprendizagem mecânica fomentada para a testagem, para resposta correta sem significados, é uma enorme perda de tempo na educação básica e superior” (Moreira, 2017, p. 18).

Piaget (2010), diferentemente de Skinner, acredita que a aprendizagem tem ligação com as estruturas cognitivas; a interação do sujeito com o meio se dá de forma ativa e ele contribui para o desenvolvimento e aprendizagem. Piaget (2010) declara que a inteligência segue três processos que são: *assimilação*, *acomodação* e *equilíbrio*. A assimilação se dá no momento em que o sujeito introduz informações sobre o objeto e, diante de uma situação nova as acomoda reorganizando-as na sua estrutura cognitiva. Os processos de assimilação e acomodação se complementam, reorganizando as ideias assimiladas chegando a um estado de equilíbrio. A cada novo desafio, os processos vão se modificando novamente.

No enfoque construtivista piagetiano, o aprendiz, como ser ativo do processo, precisa ser desafiado pelo professor, pois as interações estimulam a adaptação do sujeito ao meio, potencializando intrinsecamente o desenvolvimento da inteligência (Piaget, 2010). Mitjans Martinez *et al* (2003, p. 19) destacam que “[...] é no próprio processo de aprender que os recursos psicológicos vão se desenvolvendo, para dar conta da nova tarefa. Nesse contexto, para a construção do conhecimento, o indivíduo vai cada vez mais organizando as ideias e assim se tornando mais eficiente a cada ação.

O professor, ao utilizar uma metodologia de resolução de problemas, estimula o aluno a mobilizar os saberes e informações adquiridos para que chegue a uma conclusão. No decorrer da atividade, é interessante que sejam levantados questionamentos que desafiem o aluno, instigando-o a procurar melhores recursos para solucionar o problema. Como um grande incentivador dos estudantes, o professor precisa acreditar no seu potencial, o qual será um forte aliado da aprendizagem.

Na teoria vigotskiana, a construção do conhecimento acontece na interação com o outro. Nas trocas propostas por Vigotski (1991), o sujeito aprende numa relação compartilhada que acontece do social para o individual, viabilizando a interação entre os indivíduos. Nesse caso, a aprendizagem será favorecida, uma vez que um sujeito auxilia a aprendizagem do outro.

Nessa perspectiva de aprendizagem, as ideias e experiências devem ser desenvolvidas e compartilhadas entre os sujeitos. Compreende-se ainda que aprendizagem é uma experiência social que deve ser mediada entre linguagem e ação, que deve acontecer dentro da Zona de

Desenvolvimento Proximal (ZDP). Isto significa um espaço entre o que o aluno já sabe e até onde ele pode chegar. É o momento em que o professor, como alguém mais capaz, ou um colega de sala vai estimular o aluno como pessoa capaz de aprender (Vigotsky, 1991).

Para entender como acontece a ZDP, apresenta-se um exemplo. Suponha-se que um estudante, quando acompanhado pelo professor, consegue fazer uma tarefa de adição, porém, quando está sozinho, apresenta dificuldade. A presença do professor ocupa o espaço na aprendizagem que complementa a informação que falta, desenvolvendo estratégias pedagógicas direcionadas ao problema. Assim, o aluno irá compreender o processo que, em consequência, o tornará autônomo, responsável para executar a atividade, gerando a aprendizagem. Vigotski (1991) ressalta a importância da mediação nesse processo, a qual irá facilitar a internalização dos conteúdos.

Evidencia-se, com isso, que a mediação e as interações são importantes, pois fomentam positivamente uma aprendizagem significativa e constante. Isto acontece, na visão de Woolfolk (2000), quando o aluno passa por experiências e vivências e, nesse meio, gera mudança de comportamento no sujeito. Isto quer dizer que, quando a aprendizagem acontece, os conhecimentos que foram assimilados mudam e “[...] qualquer mudança de comportamento implica que a aprendizagem está ocorrendo ou já ocorreu. A aprendizagem que ocorre durante o processo de mudança é conhecida como processo de aprendizagem [...]” (Knowles, 2009, p. 28).

Já as teorias cognitivistas consideram o aluno construtor de sua aprendizagem. São defendidas por Ausubel (Moreira, 2017) e Piaget (2010) e têm como foco o aprender a pensar. Para Moreira (2017, p. 45) “receber acriticamente a narrativa do “bom professor” não leva a uma aprendizagem significativa crítica, a uma aprendizagem relevante, de longa duração; não leva ao aprender a aprender”. Esta teoria abre espaço para o aluno dialogar com o outro e expor suas ideias, daí a valorizar as representações que trazem. Isso consolida a aprendizagem de forma respeitosa e compartilhada e não imposta.

Moreira (2017) considera que o foco central, na teoria de David Ausubel, é a aprendizagem significativa, a qual acontece quando uma informação que já existe, se articula com dados presentes na estrutura cognitiva, a qual vai se organizando com o novo conhecimento e tenha algum valor para quem aprende. As relações substanciais entre os conceitos já presentes nos conhecimentos do aluno, em seu âmbito cognitivo, devem se relacionar com a proposta de novos conteúdos, estimulando, dessa forma, uma aprendizagem significativa. Quando a proposta foge desse segmento de aprendizagem, ela se aproxima dos métodos memorísticos, repetitivos e mecânicos.

Certamente, a teoria de Ausubel se baseia na premissa de que a estrutura cognitiva é responsável para organizar as informações e ideias dos alunos. Nesse contexto, o professor, mesmo colocando atividades dinâmicas, não pode perder de vista o que os alunos já adquiriram, isto é, considerar o que os alunos trazem de seus ambientes é essencial para consolidar a aprendizagem e torná-la significativa.

Conduzindo a discussão para a aprendizagem do adulto, Knowles (2009) destaca a Andragogia como um método concentrado no estudante, não colocando o conteúdo como o centro do processo. Partindo, então, dessa premissa, o autor considera que as experiências individuais são importantes para construção dos objetivos os quais envolvem todos no processo. Nesse sentido, percebe-se que esse modelo processual de aprendizagem se opõe ao modelo em que o professor é o centro e domina os meios para a transmissão dos conteúdos. Essa prática não atende a realidade e a aprendizagem do estudante da educação de jovens e adultos.

A aprendizagem não reflexiva exige pouca atividade intelectual de nossa parte, como nas situações em que decoramos alguma coisa ou desempenhamos uma tarefa simples, sem acrescentarmos um significado pessoal. A aprendizagem reflexiva, por outro lado, requer muito mais competência cognitiva, por exemplo, se procurarmos entender o porque de estarmos desempenhando determinada tarefa, se procurarmos questionar a aplicabilidade de um conhecimento que nos é ensinado (DeAquino, 2007, p. 6).

Na educação de jovens e adultos, a abordagem das aulas deve estar coerente com as condições e particularidades de aprendizagem, pois o professor “[...] deve desempenhar seu papel de maneira específica considerando-se as necessidades da modalidade, valorizando os elementos do cotidiano de seus educandos, repensando sua práxis pedagógica [...]” (Junior; Constantino & Piassa, 2020, p. 7). Desse modo, respeitar as competências individuais é primordial para uma aprendizagem reflexiva que, assim, conduz a uma educação de qualidade. Para o entendimento desta prática, será discutido, no próximo item, a prática pedagógica e a aprendizagem do estudante adulto.

3.2 A prática pedagógica e a aprendizagem do estudante adulto

Da prática de todo professor depreende-se um rumo a ser seguido que pressupõe uma ideia de ensino e aprendizagem, que o direciona no seu feito pedagógico, isto é, no seu modo de agir em sala de aula. Daí, insere-se um conjunto de fatores, como: o seu papel de professor, a visão que tem do aluno, as estratégias de ensino, a abordagem dos conteúdos e a avaliação

da aprendizagem. Esses aspectos devem ser pensados dentro de um contexto que insere homem, sociedade e mundo.

Decerto que todos esses pontos ressaltados para uma prática docente eficaz têm como foco principal a aprendizagem do estudante. Aprender não se configura um único fato, mas está ligado a conhecimentos, habilidades e atitudes que, mobilizados pelo indivíduo, geram transformações no meio em que atuam. A “[...] escola deve desenvolver a competência de aprender a aprender justamente para que as pessoas possam seguir se formando ao longo da vida e assimilar essas mudanças, com a finalidade de se adaptar às novas necessidades formativas que a vida e seu trabalho lhes apresentarem” (Zabala, 2014, p.52).

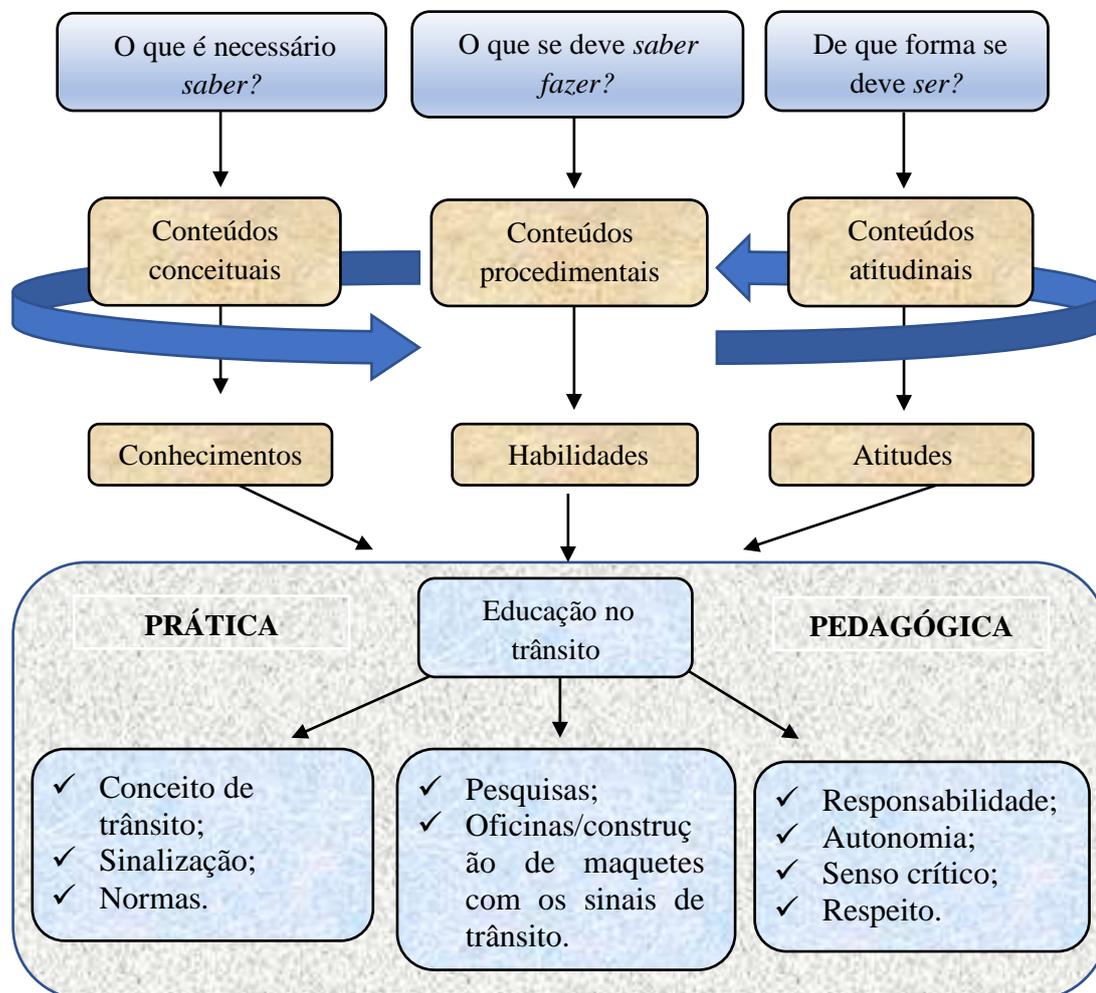
Ao pensar na aprendizagem do aluno da EJA, postula-se que as atividades desenvolvidas pelos docentes devem ser coerentes com o estilo de vida dos alunos. Partindo dessa ideia, Knowles (2009) enfatiza o método andragógico, o qual está relacionado a seis princípios considerados centrais na aprendizagem do adulto e que devem ser inseridos na ação docente, que são: “[...] (1) a necessidade do aprendiz de saber, (2) o autoconceito do aprendiz, (3) a experiência anterior do aprendiz, (4) a prontidão para aprender, (5) a orientação para a aprendizagem e (6) a motivação para aprender” (Knowles, 2009, p. 20).

O autor destaca ainda que, atrelado a esses princípios, devem ser levadas em consideração, para resultados positivos, a individualidade dos estudantes e a situação de aprendizagem. Isto posto, evidencia-se que esse modelo se configura como um processo em que todas as etapas devem ser cumpridas. Nesse sistema, o foco está em uma metodologia relacionada à aquisição de conhecimentos e habilidades pelo estudante e não apenas em apreender conteúdo. DeAquino (2007, p. 11) reforça que, na perspectiva andragógica de aprendizagem, “a responsabilidade pela aprendizagem é compartilhada entre professor e aluno, o que cria um alinhamento entre essa abordagem na maioria dos adultos, que busca independência e responsabilidade por aquilo que julga ser importante aprender”.

É nesse ponto de vista que se ancora o professor da EJA, pois os estudantes já têm um conhecimento de mundo, precisam ser respeitados e não devem ficar à mercê de uma aprendizagem mecânica. O foco deve recair sobre a aquisição de uma aprendizagem através da problematização, fomentando, no aluno, a necessidade de organizar as ideias e buscar estratégias para resolver situações. O professor deve levá-los a pensar tornando-os competentes tanto na escola como na vida, pois a “[...] a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais são mobilizados, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais.” (Zabala, 2014, p. 27).

A figura abaixo exemplifica a representação dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, e como se manifestam na prática.

Figura 1. Apresenta na prática os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.



Fonte: Construção das próprias autoras com base em Zabala (2014).

Conforme apresenta a Figura 1, no momento em que trabalha os conteúdos conceituais, o aluno apreende uma série de informações, fatos, princípios. Nessa proposta, o aluno deve ser considerado ativo no processo e, para isso, precisa vivenciar as situações e entender os conceitos que irá organizar para interferir na realidade em que vive. Entende-se que contextualizar o que é discutido em aula é primordial para que o aluno compreenda o significado do que está sendo trabalhado e, por conseguinte, possa se posicionar.

Um exemplo prático: o professor está trabalhando educação no trânsito; é essencial que o conteúdo seja contextualizado, partindo da realidade do estudante e fazendo relação com outros componentes curriculares. A presença dos alunos nas atividades da temática estudada é vital, para a aprendizagem, assim o “[...] aluno deve ser ativo, não passivo. Ela ou

ele tem que apreender a interpretar, a negociar significados; tem que aprender a ser crítica(o) e aceitar a crítica [...]” (Moreira, 2017, p. 45).

Quanto ao conteúdo procedimental, que se refere ao saber fazer, são necessárias estratégias que levem o aluno a trabalhar os conteúdos propostos. Isto não permitirá que o aluno transcreva aquilo que memorizou, mas mobilizará os saberes adquiridos. Por exemplo, na mesma aula sobre educação do trânsito, torna-se interessante o professor utilizar procedimentos, como: oficinas, produção de texto, maquete com as placas de trânsito. Essa atividade instiga o estudante a assimilar os conceitos de forma mais dinâmica e concreta, possibilitando a aprendizagem de maneira mais organizada sobre que foi discutido em aula, sempre com ênfase na realidade do indivíduo, trabalhando os conteúdos conceituais e procedimentais simultaneamente.

Ademais, não podem ficar de fora os conteúdos atitudinais, que fazem referência às atitudes, valores. O mesmo contexto da aula sobre educação no trânsito é o momento de despertar o senso crítico, responsabilidade, solidariedade, respeito, entre outros valores. Ressalta-se que, para ensinar os conteúdos atitudinais, é imprescindível colocar o aluno para viver situações, fazendo-o refletir. É desse modo que os alunos compreendem os conteúdos.

Certamente, ao trabalhar os conteúdos na escola, isso não pode ser realizado de forma separada, pois busca a participação ativa do aluno como construtor de sua aprendizagem. O desenvolvimento dessas práticas deve estar em sintonia, visto a importância que cada uma tem no processo de ensino e aprendizagem do estudante. Desse modo, no planejamento do professor, os objetivos são delineados e, por conseguinte, toda a trajetória da aula caminha para seu alcance. Ao final da aula, os estudantes serão capazes de conhecer, fazer e ser. Isso fomenta:

A capacidade dos alunos para pôr em prática, de forma integrada, conhecimentos, habilidades e atitudes de caráter transversal, ou seja, que integrem saberes e aprendizagens de diferentes áreas, que muitas vezes são aprendidos não somente na escola e que servem para solucionar problemas diversos da vida real (Zabala, 2014, p. 12).

Nesse pensamento, os conteúdos, quando são conectados de forma articulada, promovem a aprendizagem integral, pois contemplam saberes, habilidades e atitudes. Considerar a articulação dos conteúdos promove um melhor resultado para a EJA, visto que, quanto mais as experiências desses estudantes são consideradas, mais a aprendizagem se consolida. E essas aprendizagens não têm validade apenas para a escola, mas para a vida. Conforme Kolb (2014), a aprendizagem acontece ao longo da vida e se destina ao

desenvolvimento integral, envolve a pessoa nos vários papéis que assume como um ser: família, cidadão e trabalhador, e não apenas para atuar no mercado de trabalho.

Nesse cenário, os conteúdos retratados na figura devem ser trabalhados de forma indissociada, uma vez que, ao trabalhar os conteúdos conceituais, o professor necessita utilizar um procedimento para desenvolver na prática o conteúdo em questão e, ao mesmo tempo, ensinar valores, atitudes. Segundo Zabala (2014, p. 50), “[...] é impossível responder a qualquer problema da vida sem utilizar estratégias e habilidades sobre componentes factuais e conceituais, dirigidos, inevitavelmente, por pautas ou princípios de ação de caráter atitudinal”.

Se o professor agir dessa forma, o aluno irá adaptar-se a novos contextos, visto as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Zabala (2014, p. 77) complementa: “[...] a pessoa deve ser competente para participar ativamente na transformação da sociedade, ou seja, compreendê-la, valorizá-la e nela intervir de maneira crítica e responsável [...]”. Nesse cenário, o professor age como mediador do processo; posiciona-se de modo a auxiliar o aluno na construção do aprender, isto é, dialogando e interagindo, professor e aluno, constroem conhecimentos de forma significativa.

Ademais, ao aprender, o aluno será capaz de colocar em prática os saberes adquiridos conforme uma situação. Em outras palavras, quando o aluno aprende determinado conteúdo, consegue resolver problemas relacionados à questão que envolve todo o cenário. Ao propor um problema para o aluno, Hoffmann, (2010) afirma que é preciso analisar as várias situações que o aluno vivencia, tendo o olhar para as múltiplas dimensões da sua aprendizagem, a qual envolve conteúdos, objetivos, cenário educativos. São pontos relevantes quando se acompanha o processo de aprendizagem, tendo em vista sua complexidade.

O quadro abaixo exemplifica uma situação que pode ser trabalhada com estudantes da EJA e, a partir dessa prática, desenvolver competências, habilidades e atitudes, desvinculando ações em que o professor insere conteúdos prontos aos alunos.

Quadro 1. Estratégia didática.

Mariana é uma professora de história que atua na 3ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com a proximidade do Dia do Trabalhador (1º de maio), a professora orientou os estudantes a fazerem uma pesquisa sobre as profissões e que tivessem como participantes os alunos da EJA da própria escola com idade entre 25 e 50 anos ou pessoas de sua família com idade de 40 a 60 anos. A pesquisa trouxe o seguinte resultado: foram entrevistadas 30 (trinta) pessoas com as seguintes profissões, 12 (doze) eram pedreiros, 8 (oito) domésticas, 3 (três) vigias e 5 (cinco) trabalhavam na lavoura.

Com o resultado, a professora elaborou a seguinte tarefa:

1. Transforme em porcentagem as profissões sinalizadas no resultado da pesquisa.

12 Pedreiros	%
8 domésticas	%
3 vigias	%
5 trabalhadores do campo	%

2. Qual a importância de cada profissão?
3. Porque as pessoas entrevistadas seguiram essa profissão?
4. Escreva um texto sobre o que você acha da condição do estudante da EJA.
5. Qual a relação que você faz entre a profissão e a escolarização dos entrevistados?
6. Crie uma dramatização caracterizando as profissões, características, criatividade, importância e contexto em que é executada cada uma.

Fonte: Autoras.

A atividade proposta pela professora, no referido quadro 1, difere de uma atividade imposta e centrada no professor, pois, ao aplicar esse tipo de tarefa, o professor está dando oportunidade de os alunos construírem o seu conhecimento, fato este que torna o aluno ativo e o coloca no centro do processo de aprendizagem. Na atividade, a professora teve a preocupação de fazer com que os alunos pesquisassem dentro do seu contexto, que entrevistassem os colegas e a comunidade. Essa orientação da professora tem como propósito partir da realidade dos alunos, pois, como diz Freire (1996), o professor deve considerar as experiências que os alunos têm da sua vida cotidiana.

Com essa prática, a assimilação dos conceitos pelos estudantes será mais significativa, uma vez que fazem relação com o contexto em que vivem. Como diz DeAquino (2007, p. 22), “[...] muitos deles trazem, para o ambiente de estudo, experiências e expectativas pessoais que podem influenciar o processo de aprendizagem”. Fazer atividade nesse parâmetro torna o

processo de aprendizagem mais prazeroso. O adulto já tem uma concepção de mundo que deve ser respeitada pelo docente.

A atividade também abre oportunidade de os alunos pesquisarem os conhecimentos, criar, pensar, pesquisar, buscando dados em fontes variadas, aguçando a curiosidade, o que, ao mesmo tempo, lhe proporciona entender os conceitos, os fatos, os princípios. O estudo realizado pelos alunos desperta responsabilidade diante do trabalho desenvolvido, autonomia, boa vontade, senso crítico. Zabala (2014) acrescenta ainda algumas atitudes, como “[...] o planejamento, desenvolvimento e apresentação de trabalhos, tanto orais quanto escritos, conhecendo e aceitando as próprias qualidades e limitações para desenvolver a autoestima”.

O diálogo com os estudantes, após a atividade, é essencial com questionamentos que instiguem a reflexão, como: o que aprenderam? Em que as outras disciplinas ajudaram na construção do trabalho? Como se posicionam criticamente diante das descobertas? Que valores aprenderam com essa atividade? É essencial a socialização das experiências e descoberta dos aprendizados narrados pelos alunos que ocorreram durante a pesquisa nesse processo. “Deixar os alunos falarem implica usar estratégias nas quais possam discutir, negociar significados entre si, apresentar oralmente ao grande grupo produto de suas atividades colaborativas, receber e fazer críticas” (Moreira, 2017, p. 45).

A estratégia utilizada, na situação acima descrita, incentiva o diálogo entre os alunos e suscita a discussão, o crescimento e o conhecimento em torno dos vários aspectos que integram a vida cotidiana e favorece a oportunidade de descobertas e aprendizagens novas. Salienta-se que as competências (conceitos, informações e conteúdos apreendidos), habilidades (pesquisas, texto escrito, representação das profissões) e atitudes (responsabilidades, senso crítico, autonomia, compromisso) foram adquiridas nessa situação exemplificada, mas, para isso, é necessário que a ação docente visualize, em seu planejamento, o que pretende mudar em termos de comportamento do aluno. Essa situação atende as perspectivas do público da EJA.

Diante do exposto, infere-se que, para uma prática pedagógica no ensino da EJA ser realizada com sucesso, é interessante o professor escolher estratégias, considerando que os estudantes não são crianças, que se sentem mal com situações de discriminação por entrarem tardiamente na escola e que vêm de contexto social, político e econômico que, de certa forma, tem grande influência nas suas condições. Jovens e adultos não podem ser considerados agentes passivos, mas com possibilidades de aprendizagens e oportunidades, para explorar e aprender. Acreditar no aluno é crucial para que a aprendizagem aconteça de fato.

4. Considerações Finais

Neste ensaio, pensou-se sobre a aprendizagem e a prática pedagógica dos professores, por meio de uma revisão de literatura, na qual buscou-se saber, sob a luz das teorias da aprendizagem, como esta acontece, mais especificamente no contexto da educação de jovens e adultos. Conforme evidenciado no estudo, aprender acontece a partir de uma prática docente organizada e planejada em que o aluno participa do processo e torna-se independente para gerir sua aprendizagem, mas sempre mediado pelo professor.

Nesta breve incursão pelas teorias da aprendizagem, pôde-se perceber que as teorias construtivistas estão mais coerentes com as perspectivas de aprendizagem que se discute hoje em relação à sociedade, homem e conhecimento, visto que enfatizam o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem. Apesar das mudanças ocorridas cotidianamente, o que se percebe são narrativas que mostram a aprendizagem acontecer de forma mecanizada.

O estudo mostrou que, para uma aprendizagem significativa na EJA, o professor precisa utilizar estratégias didáticas que desafiem os alunos e os considerem coconstrutores da sua aprendizagem. Ao formular a metodologia de ação do professor, é crucial considerar o contexto e as experiências vividas pelos estudantes e saber que elas são o ponto de partida para uma ação positiva e com resultados satisfatórios.

A análise do método andragógico, discutido neste texto, mostrou ser este um dos métodos mais indicados para uso pelo professor da EJA, pois atende as particularidades do aluno adulto. Toda a prática se concentra no aprendiz e isso aproxima o aluno do professor, quando este se propõe mediar a aprendizagem e não reproduzir conteúdo pronto, sem oferecer chances de o aluno mobilizar os saberes e habilidades que já possuía antes de chegar à escola. Ademais, o jovem e o adulto, mesmo distante das instituições escolares, aprendem dentro de suas condições sociais, econômicas e políticas.

No seu fazer pedagógico, é coerente que o professor conheça de perto seus alunos e o contexto de atuação, sempre refletindo a sua ação enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, aprender não pode ser visto numa só perspectiva, também não acontece de forma isolada, mas no diálogo entre professor, aluno e conhecimento.

Contudo a presente pesquisa se configura de forma relevante para a prática pedagógica do professor da EJA, uma vez que aborda pontos importantes, no que tange a aprendizagem dos estudantes dessa modalidade. Com esse estudo espera-se que sirva de fomento para uma prática exitosa e melhoria na qualidade de ensino.

Referências

Day, C. (2001). *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora Ltda.

DeAquino, C. T. E. (2007). *Como aprender: Andragogia e as habilidades de aprendizagem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Hoffmann, J. M. L. (2010). *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação.

Junior, D. P. F., Constantino, L. V. & Piassa, Z. A. C. (2020). Práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos: concepções e práticas de professores no ensino de ciências. *Research, Society and Development*, 3 (3), DOI: 10.21664/2238-8869.2014v3i3.

Knowles, M. S. (2009). As raízes da Andragogia. In: Knowles, M. S.; Holton III, E. F. & Swanson, R. A. *Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Kolb, D. (2014). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. FT Press.

Libâneo, J.C. (2010). *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez.

Martinez, A. M., Gonzalez Rey, F. L., Freitas, S. N., & Fungheto, S. S. (2001). Principais Teorias da Aprendizagem: implicações na educação. In: Teixeira, F. E. C. (Org.). *Aprendendo a aprender*. Brasília: UNICEUB, 2003.

Moreira, M. A. (2017). *Ensino e aprendizagem significativa*. São Paulo: Editora Livraria da Física.

Moura, M da G. C. (2003). Educação de jovens e adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica. Curitiba: *Educarte*.

Munari, A. (2010) Jean Piaget. Trad. D. Saheb. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

Pereira, A. S, Shitsuka, D. M, Parreira, F.J. & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa *científica*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Recuperado de: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia - Pesquisa - Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia_Pesquisa_Cientifica.pdf?sequence=1).

Richardson, R. J. (2011). Pesquisa social: métodos e técnicas. (3a ed.), São Paulo: Atlas

Richardson, R. J., et al. (2008). Pesquisa Social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas,

Vigotski, L. S. (1991). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Woolfolk, A. E. (2000). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre.

Zabala, A. (2014). Como aprender e ensinar competências [recurso eletrônico] / Antoni Zabala, Laia Arnau. Trad. Lima, C. H. L. Revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. Porto Alegre: Penso. E-PUB editado como livro impresso em 2010.

Zanella, L. (1999). Aprendizagem uma Introdução. In: Rosa, J. L. Psicologia da Educação: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Celene Vieira Gomes Fortes Lustosa – 50%

Maria da Glória Carvalho Moura – 50%